



APROPRIAÇÃO DE ELEMENTOS IDENTITÁRIOS DAS CULTURAS CIGANAS NA MODA BRASILEIRA

Appropriation of identity elements of romani cultures in brazilian fashion

Niero, Giovanna; Graduanda em Design de Moda no Centro Universitário SENAC SP;
giovanna.nierod@gmail.com¹

Almada, Larissa; Doutora em Design, Docente do Centro Universitário SENAC
SP; larissa_almada@yahoo.com.br²

Resumo: Existentes na história do Brasil desde o início da colonização, observa-se que os povos ciganos muitas vezes possuem sua identidade e cidadania negadas e esquecidas, tornando-se no imaginário popular entidades místicas, principalmente as mulheres ciganas por conta de seus trajes tradicionais. O presente trabalho visa compreender, a partir de levantamento teórico e de estudo imagético do editorial de moda *Luxo Cigano*, como a moda apropria elementos de identidade dos povos ciganos e corrobora com o apagamento cultural dessas comunidades.

Palavras chave: Moda; Cultura; Identidade; Etnia; Povos ciganos; Produção de Moda.

Abstract: Existing in the history of Brazil since the beginning of colonization, it is observed that the romani people often have their identity and citizenship denied and forgotten, becoming mystical entities in popular imagery, especially romani women due to their traditional garments. This work aims to understand, based on a theoretical survey and imagery study of the fashion editorial *Luxo Cigano*, how fashion appropriates identity elements of the romani people and corroborates the cultural erasure of these communities.

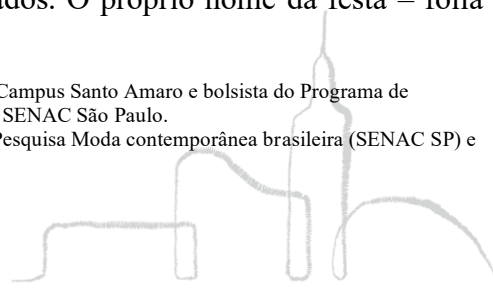
Keywords: Fashion; Culture; Identity; Ethnicity; Romani people; Fashion Production.

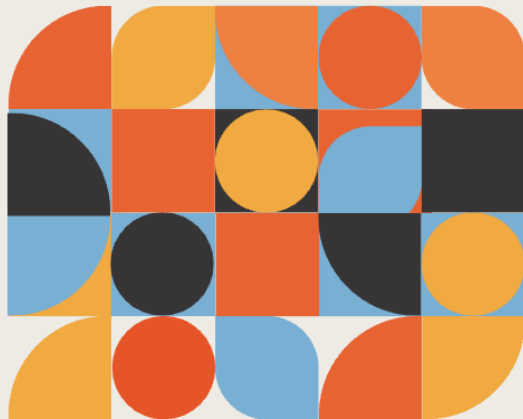
1. Introdução

Em fevereiro de 2018, o Copacabana Palace – hotel de luxo brasileiro situado no Rio de Janeiro – promoveu seu baile anual de carnaval à luz do tema *Gypsy Folie*, isto é, folia cigana, no qual os convidados foram vestidos com turbantes, tiaras com flores, correntes nas cabeças, coletes bordados, acessórios em mix de metais, medalhas e pedrarias, além de muitos adornos com franjas, rendas e babados. O próprio nome da festa – folia

¹Giovanna Niero. Discente do 6º semestre Bacharelado em Design de Moda do Centro Universitário SENAC – Campus Santo Amaro e bolsista do Programa de Iniciação Científica Tecnológica e Artística (PICTA) no Projeto de Pesquisa Moda contemporânea brasileira do SENAC São Paulo.

²Profa. Dra. Larissa Almada. Docente do Bacharelado em Design de Moda do SENAC SP. Líder do Projeto de Pesquisa Moda contemporânea brasileira (SENAC SP) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Design de Exposições: Práticas em Arte, Moda e Fotografia (CNPQ).





cigana – parte do termo *cigano*, criação ocidental com objetivo de nomear o outro, aquilo que é estrangeiro para segregar os grupos que fogem das normas da sociedade hegemônica europeia (Noronha, 2019, p. 4). A cenografia da festa foi realizada por Mario Boriello, cenógrafo, figurinista e carnavalesco, e, segundo a revista de moda L’Officiel, “os salões estavam repletos de rosas, cartas de baralho cigano e bolas de cristal com efeitos óticos” (Di Biase, 2018). No evento, a decoração foi adornada de tapetes, leques, cortinas, símbolos religiosos e uma carroça, ou seja, elementos que tentavam fazer referência a um suposto estilo de vida associado aos povos ciganos, principalmente no universo da quiromancia e cartomancia³, estereótipos⁴ que recaem com maior intensidade sobre as mulheres ciganas que são vistas como sujeitos mediúnicos e, muitas vezes, taxadas pela cultura ocidental como “trapaceiras, embusteiros e bruxas que viviam de ler a sorte” (Noronha, 2019, p. 3), sendo constantemente suas existências e seus corpos utilizados de modo pejorativo. Ao mesmo tempo que são postas à margem da sociedade, essas mulheres são, com frequência, utilizadas como referência para a moda ocidental feminina, principalmente com o advento do estilo *boho*⁵ *chic* na Europa nos anos 1970 (Lunardelli, 2024), inspirado no movimento *hippie* e no conceito europeu de *Bohemian*.

Boêmio, Gypsy-chic, Boho-Chic. Modelos brancas posando “selvagens” e “de espírito livre”, como se você pudesse engarrafar a alma Romani. Os designers Gadjé⁶ tentam destilar o encanto Romani em perfume, costurá-lo em fios e infundi-lo em bebidas (sim, existe uma marca de chá “Gypsy”!). A identidade cigana⁷ não pode ser roubada! Você não pode pegar um pelo de cavalo e colá-lo na sua cabeça e dizer que você tem uma crina. (Szokolys, 2020, p. 154, tradução nossa)

Partindo desse contexto, este estudo de iniciação científica se desenvolve com objetivo de investigar pistas da incorporação estereotipada do corpo social da mulher cigana no contexto da produção de moda e *styling*

³As *mancias* – do grego *manteia*, que significa “adivinhação” – são técnicas de leitura e adivinhação popularizadas pelos povos ciganos e trata-se de conhecimentos acumulados historicamente a partir da observação antropológica, pois “os antigos viram que alguns indicativos do nosso corpo batiam com algumas características da personalidade, e começaram a estudar esse fato” (Barrios, Torii, 2009). *Quiromancia* tem origem etimológica do grego *kheiro* que significa “mão” e *manteia*; é a sabedoria antiga que interpreta as linhas e o formato das mãos para revelar quem a pessoa é, sua personalidade e seu destino, fornece informações sobre passado, presente e futuro e é utilizada como forma de previsão do futuro a longo prazo, autoconhecimento e compreensão dos pontos fortes, pontos fracos e formas de melhorar e aproveitar aquilo que não pode ser modificado em sua personalidade e seu destino. *Cartomancia* tem origem do grego *khártēs* que significa “carta”; é a técnica esotérica de leitura de cartas do baralho para revelar mensagens do destino, orientar futuro e oferecer aconselhamento espiritual para períodos ou questões específicas, utilizada como orientação em momentos de dúvidas e de necessidade (O Tempo, 2021).

⁴Entende-se estereótipo como “suposto conhecimento (mas quase sempre ignorância), às idéias preconcebidas, aos julgamentos sobre os outros e costuma manifestar-se em frases como ‘os ciganos são ladrões’, ‘as mulheres ciganas são trambiqueiras’, ‘as crianças ciganas são sujas e não gostam de estudar’.” (Moonen, 2013, p. 199).

⁵Termo anglo-saxão que recebe o nome a partir do termo *Bohemian*, em referência ao *lifestyle* boêmio, nômade e “gypsy” de artistas europeus pós Revolução francesa que, por sua vez, tem sua terminologia derivada dos povos ciganos habitantes da Bohemia, região dos Bálcãs pois o estilo de vida e modo de vestimenta dos artistas franceses no início do século XIX era constantemente comparado – de forma estereotipada – com os costumes ciganos da etnia Romani (KOTB, 2015, p. 223-224).

⁶*Gadjé* na língua romani se refere aos não-ciganos. É utilizado de forma pejorativa na linguagem coloquial romani para falar sobre pessoas não-ciganas que tentam se aproximar da cultura cigana, mas sem fazer parte dela, geralmente estereotipando os costumes e mistificando as religiosidades ciganas. (Vacite, 2011).

⁷Referência ao termo *Romanipen*, que em romani significa identidade e alma cigana.



no Brasil. A partir da análise de imagens (Burke, 2004) do editorial de moda *Luxo Cigano* publicado pela revista *Quem* em outubro de 2013, bem como do levantamento bibliográfico e cartográfico de notícias sobre corpos ciganos, este trabalho questiona como elementos identitários das culturas ciganas são incorporados nas imagens de moda brasileira contemporânea e sinaliza que o papel do produtor de moda pode ser capaz de perpetuar o apagamento histórico e cultural das etnias ciganas e impactar a construção da imagem da mulher cigana no imaginário popular.

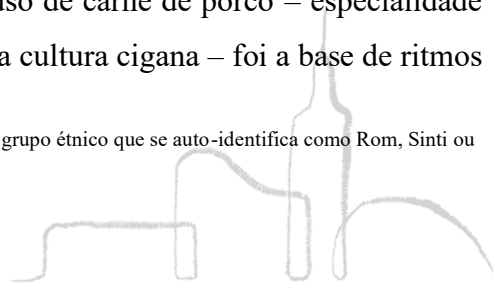
2. Povos ciganos no Brasil: percurso histórico e cultural

Perseguidos na Europa por cultivarem as práticas culturais consideradas ciganas e não professarem a fé cristã, grupos ciganos⁸, principalmente, Calón e Rom foram enviadas às colônias como forma de punição inquisitorial ou prisão (Medeiros; Soares, 2019, p. 2). Os primeiros registros da chegada de pessoas ciganas no Brasil oriundas da península ibérica datam 1574 com a deportação portuguesa de João Torres e sua família, ciganos da etnia Calón condenados a cinco anos de exílio na colônia portuguesa (Sathler, 2024, p. 202). A pena de degredo – ou exílio – de ciganos era um ato de Estado utilizado como forma de controle social da metrópole, pois os ciganos eram considerados agentes desestabilizadores sociais (Pieroni, 2000 *apud* Sathler, 2024, p. 202). Segundo Rodrigo Teixeira (2008),

Acredita-se que até o final do século XVIII existissem no Brasil somente ciganos originários da Península Ibérica, os chamados Calón, ou Kalé. Mas já na primeira metade do século XIX, chegaram alguns ciganos Rom acompanhados ou não de suas famílias. [...] Quantas outras famílias Rom não-ibéricas chegaram durante a primeira metade do século XIX, ainda não se sabe, e certamente nunca saberemos. Somente a partir da segunda metade do Século XIX os Rom vieram em número significativo para o Brasil, provenientes da Itália, da Alemanha, dos Balcãs e da Europa Central. (Teixeira, 2008, p. 28-29).

Em terras brasileiras, tornaram-se parte da sociedade, fundindo suas culturas com os costumes locais. Segundo Aluizio de Azevedo, da etnia cigana Calón, jornalista e pesquisador, as heranças culturais Calón podem ser observadas em diversos aspectos da sociedade brasileira atual, principalmente na cultura mineira, como, por exemplo: a influência cigana na gastronomia mineira, principalmente no uso de carne de porco – especialidade da culinária dos povos nômades; na música, a moda de viola – originária da cultura cigana – foi a base de ritmos

⁸De acordo com Frans Moonen (2013), define-se “cigano como cada indivíduo que se considera membro de um grupo étnico que se auto-identifica como Rom, Sinti ou Calón, ou um de seus inúmeros sub-grupos, e é por ele reconhecido como membro”. (Moonen, 2013, p. 18).





musicais como samba e sertanejo; na dança, a catira, dança típica de Minas Gerais, fazem referência aos passos do flamenco espanhol, uma forte herança cultural Calón. (Azevedo, 2022 *apud* Caixeta, 2022).

Entretanto, apesar da construção da identidade brasileira ter muita influência das etnias ciganas, a base das culturas desses povos é a oralidade, mais ainda, segundo Leda Maria Martins, a oralitura⁹, visto que, em sua maioria, historicamente eram comunidades nômades e ágrafas, ou seja, a maior parte dos registros dos percursos históricos e geográficos dos povos ciganos no Brasil foram feitos por policiais, padres e viajantes, fato que corroborou para a construção do estereótipo de ciganos como criminosos, ladrões, sujos e trapaceiros.

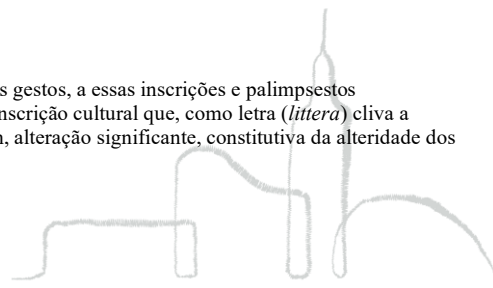
À época o governo português utilizava o degredo como punição para aqueles que transgrediam as leis. Dessa forma, duas questões eram resolvidas ao mesmo tempo, além de retirar do reino os indesejados, resolvia o problema de povoamento das colônias, que eram vistas como lugares inóspitos. Mas como podemos observar a criminalidade cigana não estava vinculada a crimes comuns, como roubos ou assassinatos, mas sim pelo fato do ser cigano e de exercer suas práticas culturais. (Medeiros; Soares, 2019, p. 2).

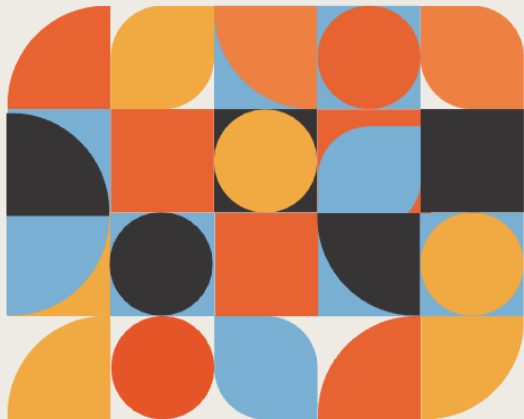
Teixeira (2008) ainda afirma que a chegada dos povos ciganos ao Brasil, principalmente a etnia Rom, durante o século XIX se deu de forma clandestina, visto que a polícia portuária proibiu a entrada de ciganos em território brasileiro, fazendo com que os imigrantes entrassem foragidos das autoridades imigratórias ou alterando sua nacionalidade no ato da identificação, geralmente relacionando-se com a nação que vieram em vez de sua identidade primária, isto é, sua identificação perante a etnia cigana (Teixeira, 2008, p. 29). Portanto, a história das culturas ciganas no Brasil parte do preconceito e do anticiganismo, que justificava políticas de segregação e criminalização que possuem reminiscências até os dias de hoje.

3. Moda e identidade: editoriais de moda brasileiros como articuladores da imagem dos grupos ciganos no imaginário popular

O estilo *boho* ou *gypsy* foi um marco em diversas passarelas de alta moda e editoriais das principais revistas de moda na década de 2010. Observa-se os elementos traduzidos como ciganos representados na coleção de primavera-verão de 2012/2013 do Emilio Pucci, estampados no editorial *Kate and the Gypsies* protagonizado

⁹Termo que considerada a oralidade como produtora de conhecimento, lê-se em Leda Maria Martins que “a esses gestos, a essas inscrições e palimpsestos performáticos, grafados pela voz e pelo corpo, denominei oralitura, matizando na noção deste termo a singular inscrição cultural que, como letra (*littera*) cliva a enunciação do sujeito e de sua coletividade, sublinhando ainda no termo seu valor de *litura*, rasura da linguagem, alteração significativa, constitutiva da alteridade dos sujeitos, das culturas e de suas representações simbólicas”. (Martins, 1997, p. 21 *apud* Martins, 2003, p. 77).





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

por Kate Moss e produzido pela *stylist* Karen Langley para a VMagazine em 2009, no desfile da BCBGMaxAzria na abertura da Semana de Moda de Nova Iorque em fevereiro de 2013 e na coleção de outono-inverno de 2018 da marca mineira PatBo. Em 2013, a revista brasileira *Quem* publicou o editorial *Luxo Cigano*. No release dessa matéria, realizada pela editora de moda Andressa Zanandrea, lê-se: “Em clima de comemoração em um sofisticado acampamento, a cigana leu o nosso destino fashion e viu uma vibrante mistura de materiais e cores, alto-astral em forma de tecidos luxuosos, ousadia nas combinações de peças e muita energia positiva” (Revista Quem, 2013).

Figura 1: Capa do editorial Luxo Cigano.



Fonte: Revista Quem, Moda, São Paulo, outubro de 2013. Disponível em: <https://labelledujourblog.wordpress.com/2013/10/17/luxo-cigano/>. Acesso em: 01/04/2025

Com *styling* de Drica Cruz, o editorial traz modelos brancos trajando vestíveis em mix de estampas e texturas, coletes, franjas e saias longas volumosas. Nos acessórios, chapéus com penas, joias maximalistas, pingentes de medalhas, lenços, cintos, *piercings* falsos, leques, braceletes e *headbands* de pedrarias. A beleza de André Gagliardo reforça mulheres com olhos esfumados, batom vermelho e contornos marcados e homens com



20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

cabelos longos e barbados. A fotografia de Jacques Dequeker foi realizada em um acampamento cigano cinematográfico, com tapetes em estilo persa, almofadas bordadas, baús repletos de joias, instrumentos musicais como sanfona, violino e violão e, em maior destaque, uma carroça colorida – elemento também utilizado no Baile de Carnaval do Copacabana Palace de 2018. A carroça é um elemento identitário representativo das culturas ciganas que surge do imaginário comum que relaciona os grupos ciganos à uma suposta cultura exclusivamente nômade, que carrega em si estigmas construídos socialmente que caracterizam as pessoas ciganas como sujeitos que não possuem moral e não podem ser confiados, isto porque surge da compreensão popular que apenas pode se confiar em quem detém moradia fixa (Sathler, 2024, p. 209).

Figura 2: Painel de imagens do editorial Luxo Cigano.



Fonte: Desenvolvido pela autora com imagens originais da Revista Quem, Moda, São Paulo, outubro de 2013. Disponível em: <https://labelledujourblog.wordpress.com/2013/10/17/luxo-cigano/>. Acesso em: 01/04/2025



20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

As articulações do figurino com *acting* são fatores de análise importantes para compreender o poder da imagem, pois o corpo é uma ferramenta de expressão pessoal, social e cultural que, ao ser modificada por elementos como cosméticos, tatuagens, maquiagens e, principalmente, vestuários, agrega sentido e valor simbólico e constrói mecanismos de comunicação (Cidreira, 2010, p. 241) entre quem está lendo a imagem e quem a produziu, no caso, a equipe de produção de moda.

No editorial, observa-se que os modelos homens se vestem de forma mais austera e apresentam sempre expressão de perigo e, até mesmo, raiva, como se os ciganos fossem perigosos, violentos e agressivos – reiterando o estereótipo dos grupos ciganos como sujeitos sujos, trapaceiros e ladrões (Medeiros; Soares, 2019, p. 3) – enquanto o figurino feminino é mais sensual, em sua maioria de saias e vestidos longos adornados de pedrarias, joias e babados, e as modelos se expressam com mais sutileza, inclusive com algumas das fotos femininas quase eróticas, objetificando e fantasiando os corpos femininos ciganos.

Muitas mulheres ciganas ainda usam longas saias, além de jóias de ouro e prata, mas inúmeras outras não. Inclusive porque é sempre mais difícil possuir este tipo de joias. Muitas vezes mulheres ciganas e não-ciganas que se dedicam a atividades esotéricas costumam fantasiar-se de ‘cigana’ conforme os estereótipos existentes na região, o que atrai mais clientes. Porque neste caso, mais importante do que ser, é parecer cigana, de preferência Kalderash. E para parecer uma cigana, somente usando um estereotipado vestuário cigano, nem que seja uma fantasia carnavalesca. (Moonen, 2013, p. 16).

Portanto, os estereótipos dos povos ciganos como violentos, ladrões, infiéis, exóticos e feiticeiros que recaem no preconceito e na segregação sociocultural dos povos ciganos podem ser reforçados por editoriais como o analisado neste trabalho em que figurino e cenografia sem aprofundamento histórico e cultural esvaziam de sentido os símbolos culturais desses povos e reforçam a imagem, principalmente, das mulheres ciganas “como ‘bruxas’ e trambiqueiras que enganam o povo praticando a quiromancia, roubando etc.” (Moonen, 2013, p. 94), suposição que aparece também na literatura, pois em Machado de Assis lê-se “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” (Assis, 2010, p. 65).

Ao discutir moda como elemento de identidade cultural, é crucial compreender que a cultura é uma ferramenta de linguagem que produz e – ao mesmo tempo é produzida por – significações que moldam os processos interativos em sociedade (Cidreira, 2010, p. 232-233). O *casting* escolhido nesse editorial reforça exatamente essa exclusão social dos povos ciganos na sociedade brasileira e o esvaziamento dado às culturas ciganas, pois os modelos que compuseram o editorial são todos brancos e não-ciganos, ou seja, toda a equipe por



20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

trás dessa produção, ao que tudo indica, apropria-se dos elementos identitários ciganos sem a responsabilidade comunicar o que eles, de fato, significam para as comunidades ciganas.

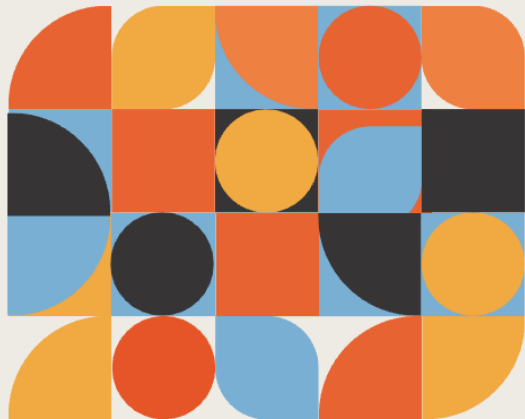
Considerações finais

Os elementos identitários têm poder de agregar valores materiais e imateriais que transmitem sentidos, símbolos e crenças herdados culturalmente, fato que sinaliza a importância de assimilar a história, a origem e os significados dos ornamentos que adornam os corpos vestidos. É a partir da dinâmica entre os símbolos culturais e como o sujeito utiliza deles que se manifesta a moda, que a mesma pode ser entendida como uma estrutura simbólica responsável pela construção identitária dos indivíduos em sociedade (Cidreira, 2010, p. 242-243), tendo o vestuário como elemento construtivo das relações, normas e condutas sociais (Linke, 2013, p. 4).

Vale sinalizar que as imagens do editorial da Revista *Quem* são construídas a partir das lentes de uma equipe ocidental que aparentemente não teve como premissa romper com as barreiras socioculturais criadas historicamente no Brasil para segregar a população cigana. Assim, apropriam-se dos elementos identitários das culturas ciganas de forma estereotipada para comunicar tendência de moda e beleza a um público, ao que tudo indica, não-cigano, sem explicar quais os significados e simbolismos que carregam e, pelo observado, sem se preocupar com a história das culturas ciganas. A moda detém o poder de anular a bagagem cultural que esses símbolos carregam para as pessoas pertencentes a grupos ciganos, exaurindo de sentido e valor a identidade cigana em nome de uma imagem de moda vinculada à uma tendência comercial.

Os próximos passos dessa pesquisa de iniciação científica partem para pesquisa de campo, com objetivo de identificar e analisar como essa prática de apropriação impacta diretamente as mulheres ciganas. A partir de entrevistas, partindo desta base teórica, o intuito é compreender como a moda corrobora para construção do corpo social da mulher cigana no imaginário popular e pode contribuir para o apagamento cultural dos povos ciganos no Brasil e para o esvaziamento da identidade das mulheres ciganas.





Referências

ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. Editora Martin Claret, 9ª ed. São Paulo, 2010.

BARRIOS, Sarani; TORII, Bete. **Relato de Sarani Barrios: os ciganos Dohm**. Clube do Tarô, São Paulo, março de 2009. Disponível em: <https://shre.ink/xVRA>. Acesso em 05/06/2025 às 11h39.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

CAIXETA, Isabella. **Como os povos ciganos ajudaram a construir a identidade brasileira**. Estado de Minas, publicado em 29 de julho de 2022. Disponível em: <https://shre.ink/xVRL>. Acesso em 29/03/2025 às 12h59.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **A Moda como expressão cultural e pessoal**. In: Iara - Revista de Moda, Cultura e Arte, vol 3, n. 3, SENAC, São Paulo, 2010.

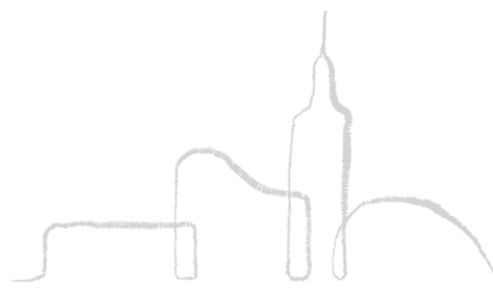
DI BIASE, Fernanda. **Baile do Copa 2018: um mergulho na cultura cigana!** Revista L'Officiel, publicado em 11 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://shre.ink/xVR5>. Acesso em 29/05/2025 às 20h56.

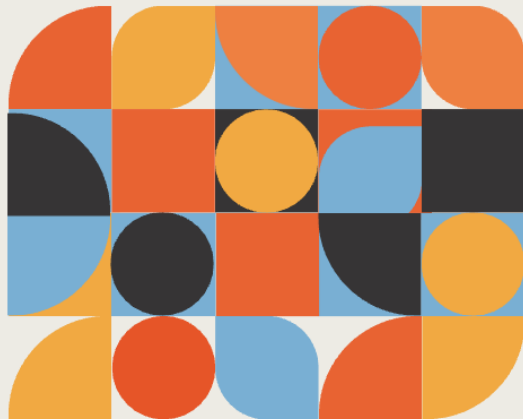
KOTB, Rehab Mahmoud. **Boho-Chic Style Utilizing for Fashionable Apparel Design**. In: American Journal of Life Sciences, vol. 3, no. 3, 2015, pp. 223-229.

LINKE, Paula Piva. **A moda, a indumentária, o traje popular e o figurino**. VI Congresso Internacional de História, ISSN 2175-4446, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, setembro de 2013.

LUNARDELLI, Helena. **A rebeldia boêmia do boho chic e a história desse estilo icônico**. Blog, publicado em 5 de agosto de 2024. Disponível em: <https://shre.ink/xVRD>. Acesso em 05/12/2024 às 22:16.

MARTINS, Leda Maria. **Performances da Oralitura: Corpo, lugar da Memória**. In: Letras, nº 26, Universidade Federal de Santa Maria, 2003, p. 63-81.





MEDEIROS, Luana Antônio de; SOARES, Maria de Lourdes. **Os Ciganos no Brasil, Identidade e Cidadania**. IX Jornada Internacional de Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Sociais, Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas. São Luís, 2019.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo e políticas ciganas na Europa e no Brasil**. Recife, 2013.

NORONHA, Gilberto César de. **Os Gadjós são os “perfeitos ciganos, muito ciganos”: figurações, estereótipos e artimanhas políticas em Minas Gerais**. ANPUH Brasil, 30º Simpósio Nacional de História. Recife, 2019.

O TEMPO. **Quiromancia pode dizer muito a respeito da vida de uma pessoa**. Jornal O Tempo, Contagem, Minas Gerais, 17 de agosto de 2021. Disponível em: <https://shre.ink/xVRI>. Acesso em 05/06/2025 às 10h44.

QUEM. **Luxo Cigano**. Revista Quem, São Paulo, 23 de outubro de 2013. Disponível em: <https://shre.ink/xVRx>. Acesso em 01/04/2025 às 09h27.

SATHLER, Deborah. **Identidade e gênero na cultura cigana**. In: Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa da PPGA-UFES, vol. 14, nº 24, dezembro de 2024, p. 198-219.

SZOKOLYAI, Diana Norma. **Flamenco Lesson in Sacromonte – Affirmations of a Romani Woman**. In: Critical Romani Studies, vol. 3. no. 2. 2020, p. 152–155.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos Ciganos no Brasil**. Núcleo de Estudos Ciganos. Recife, 2008.

VACITE, Mio. **Aproximação com “gadjes” não deve se tornar uma ameaça**. Jornal Extra, Comissão de Combate à Intolerância Religiosa. Editora Globo, São Paulo, 06 de maio de 2011. Disponível em: <https://shre.ink/xVRd>. Acesso em 03/12/2024 às 12:34

VOGUE. **Baile do Copa 2018: um giro pela tradicional folia carioca**. Revista Vogue, São Paulo, 11 de fevereiro de 2018. News, disponível em: <https://shre.ink/xVR2>. Acesso em 29/05/2025 às 21h13.

